

Presença de Florestan no IEA

CARLOS GUILHERME MOTA

EU PERGUNTO: INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS? Avançados em quê? " Desse modo irônico e desafiador, o professor Florestan Fernandes abriu a conferência do mês que marcava a abertura, em nosso Instituto, de uma reflexão sobre o modelo autocrático-burguês no Brasil. Esse era também um momento muito especial na vida do sociólogo-historiador: pela vez primeira, pisava ele num tardio 1987 a sala do Conselho Universitário da USP, o colegiado principal de *sua* universidade. Após anos de ditadura e de mediocridades instaladas nos colegiados da instituição, finalmente o Conselho Universitário – ou, ao menos, o auditório de reuniões – recebia a figura maior das Ciências Humanas produzida por esta instituição. Mas a pergunta florestânica permaneceria no ar, valendo também para toda a universidade: para que serve um Instituto de Estudos Avançados ?...

Respondemos ao mestre: para criar, entre outras coisas, oportunidades e situações como aquela e receber o melhor de nossas inteligências. Permanece portanto a pergunta: para que servem a universidade, os departamentos, os museus, os institutos ? Serão todos avançados?

Naquela oportunidade, Florestan, já adoentado, proferiu uma longa aula, em pé, sobre a ambígua e complexa transição histórica para a democracia no Brasil, uma das mais longas da História Contemporânea. Sintetizou, atualizando, as teses que estão em seus livros clássicos *A revolução burguesa no Brasil e Poder e contrapoder na América Latina*, além de idéias e hipóteses espalhadas em quase cinqüenta outras obras de sua autoria. Uma rotação de perspectivas, num exercício transdisciplinar. A sala do Conselho poucas vezes terá sido palco de uma reflexão original sobre nossa complexa História.

As ligações de Florestan com o IEA foram muito fortes. E sempre desafiadoras. Na primeira vez que estive em nossa sede, ao abrir a porta principal, deparou-se com as três fotografias que adornam o *hall* de entrada: no alto, a de Caio Prado Júnior; mais abaixo, a de Mário de Andrade e, ao lado, menor, a de Sigmund Freud. Florestan não teve dúvida: "Eis aí: Caio, com seu desejo de ser popular; Mário, com sua aspiração a aristocrata. E Freud, para analisar os dois"...

O sociólogo respondia assim ao desafio que lhe fizéramos, anos passados, ao dizer-lhe que uma de suas poucas falhas era não ter muito senso de humor. Em verdade, tinha-o violento e incontido, e nem sempre o graduava com maestria.

Com a maturidade, porém, o tom cáustico deu lugar a uma fina, suave sabedoria. Já perto do fim, Florestan era a imagem perfeita de um completo e sábio gentil-homem. No hospital, em junho de 1995, mantinha-se apumado em seu belo *robe de chambre*, cuidando, dentro das limitadas possibilidades de suas condições físicas e de um Hospital das Clínicas de uma USP gravemente abandonada, os cabelos e a face em boa apresentação. Cavalheiro, não esquecera de uma escapadela para comprar o presente de aniversário para seu amigo de sempre, Antonio Candido.

Deputado federal, soube utilizar-se do trabalho que nosso Instituto produzia, reunindo material sobre a Escola Pública, organizado e discutido sob a regência suave mas firme do professor Alfredo Bosi. Com efeito, um grupo brilhante e variado de educadores, que incluía seu ex-assistente, sociólogo e pedagogo, Celso Beisigel, fornecia material para vários parlamentares do Congresso Constituinte e mais autoridades, numa atitude que eu chamaria de *ilustrada*. Florestan soube captar aquele material e transformá-lo, com Bosi e colegas, em letra de lei. Alguns itens de nossa Constituição de 88, dos mais avançados, têm sua origem ou quando menos estímulo nas reuniões do IEA com Florestan. Ele foi o *nosso* deputado por excelência, entre tantos outros excelentes, vigorosamente ligado à defesa da Escola Pública.

Vale também registrar que acedeu em publicar nesta revista *Estudos Avançados* seu discurso de recepção do título *Honoris Causa* concedido pela Universidade de Coimbra, em 1990, quando completava ela 700 anos. Constitui, seu discurso, peça forte e definitiva na história do pensamento socialista no Brasil. Ou melhor, no mundo afro-luso-brasileiro, como assim foi conceituado naquela oportunidade, em Coimbra, quando estudiosos de vários quadrantes se reuniram no Primeiro Congresso do Mundo Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, tendo sido escolhido precisamente o sociólogo brasileiro para a homenagem tão cheia de símbolos (atas em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, junho 1991, nº 32). Para saudá-lo, Coimbra escolheu o professor Boaventura de Souza Santos, um dos organizadores do encontro, ex-pesquisador visitante do IEA, preocupado com as novas formas de saber e imaginar o social, onde produziu seu importante livro *Introdução a uma ciência pósmoderna* (Ed. Graal).

* * *

Por que Florestan é tão importante para nós? Para um grupo-geração que despontava na viragem dos anos 50 para os 60, a presença de Florestan Fernandes foi decisiva. Muitos ainda estávamos no colégio, geralmente em colégios do Estado. Havia também algumas boas escolas particulares, mas *nós éramos* do colégio do Estado... Nossos professores de filosofia, de história, de ciências naturais nos falavam de uma instituição nova e então muito combativa e avançada: a Faculdade de Filosofia. Nela, vários estudiosos com garra, divergentes e



*Florestan
na Conferência
do Mês do IEA
na Sala do Conselho
Universitário
da USP em 1987*

anticonvencionais aborreciam o *establishment*, a cultura *estabelecida* e as verdades acabadas. A simples expressão *Faculdade de Filosofia* nos encantava, a nós que já líamos as obras de Caio Prado, as críticas de Antonio Candido, Sábato Magaldi, Lívio Xavier, textos de Jorge Andrade e muitos outros no Suplemento Literário do *Estado*, coordenado pelo professor Décio de Almeida Prado, também ele um professor de Escola Pública. Líamos também Sartre e Simone de Beauvoir, Camus, Merleau Ponty, Arthur Miller, Tennessee Williams e os apreciávamos, mais talvez que autores comunistas e socialistas. Se possível com pitadas generosas de autores existencialistas que Sérgio Milliet traduzia para a Difusão Européia do Livro, capitaneada por um editor francês de esquerda, o discreto Jean-Paul Monteil, cidadão paulistano e dono da Livraria Francesa da rua Barão de Itapetininga... O mesmo que convidou Florestan para dirigir a mais importante coleção de obras renovadoras sobre o Brasil de então, a *Corpo de Alma do Brasil*. O primeiro título era *Mudanças sociais no Brasil*, do próprio Florestan, seguido das obras de Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, entre muitas mais: um sopro renovador nas searas em que se cultivava o marxismo, a história, a sociologia... Definia-se a chamada Escola Histórico-sociológica de São Paulo. Rigor, temas fundamentais da História do Brasil, métodos e técnicas modernas de pesquisa postas em prática, leitura mais cuidadosa dos clássicos e sobretudo de Marx, Weber e Mannheim, atitude interdisciplinar, tudo isso marcava o novo horizonte intelectual que se desenhava então. E que viera para ficar. Uma nova *postura*, enfim.

Era esse o *espírito da Faculdade de Filosofia* em várias de suas disciplinas – e não só exclusivo das Ciências Sociais e Humanas. Talvez seja esse *espírito* que

Florestan representa em sua versão mais radical, mais combativa, sobretudo no que diz respeito ao papel dos intelectuais na transição para a democracia. Se foi ele plástico e bastante eclético em suas opções teóricas para elaborar um marxismo inovador, por assim dizer, brasileiro, sempre foi intransigente em suas firmes determinações políticas. Sobretudo no tocante à escola, ao ensino, à pesquisa e aos serviços públicos. Sentimento trágico e quase premonitório num país como o nosso, numa universidade como a nossa: foi por imperícia e falta de zelo que viria a falecer, em hospital da USP, como se constatou.

* * *

Para os pesquisadores da *geração intermediária* que ajudaram a criar este Instituto, a presença de Florestan tornou-se marcante também por ter posto sempre em discussão o papel do novo intelectual socialista, que deve ser a um só tempo rigoroso, eclético e combativo. Com isso, distanciava-se de um certo tipo histórico de militante comunista algo esquemático e simplista, que via a história de maneira reduzida, em *etapas* a serem cumpridas necessariamente. Suas pesquisas nos liberavam para um outro olhar sobre a História e as Ciências Humanas. E tanto mais quanto conhecia e dominava, além dos clássicos da Sociologia e da Antropologia, os clássicos do pensamento marxista. Sua coletânea sobre o pensamento de Marx publicada na coleção *Grandes cientistas sociais*, é uma referência fundamental neste fim de século, em que a intelectualidade periférica distraída com o pósmodernismo parece ter enterrado antigas utopias. Mas Florestan também dominava os clássicos da historiografia contemporânea, de Huizinga a Febvre, de Labrousse a Braudel, preferindo entretanto os clássicos de Soboul (que o visitara em São Paulo quando de sua cassação); de Dobb e Hill a Hobsbawm (que o considerava um dos maiores cientistas sociais de nosso tempo) e Wallerstein. E cultivava interlocutores em vários quadrantes: Aníbal Quijano no Peru, Stanley e Barbara Stein em Princeton (acolheram-no em sua casa em 1976), Richard Morse em Washington, Magalhães Godinho, Cunhal e Boaventura em Portugal... No Brasil, destaco sua interlocução permanente com Candido, e a referência intensa a obras de Caio e Faoro (o autor de *Os donos do poder*, cujo título adotou como expressão recorrente). Mas, também, além de seu catedrático Fernando de Azevedo, de Wagley, de Willems e de seu querido Roger Bastide, citava Sérgio Milliet, Paulo Duarte e sobretudo Herbert Baldus, gente de uma época em que política cultural era coisa séria. Hoje, passado o tempo, creio que foi o francês abraçado Bastide quem lhe abriu, com Candido, as comportas da vida intelectual universitária concreta no campo da pesquisa.

Florestan deixa algo que é fundamental: a lembrança de que a discussão sobre a *requalificação do trabalho científico e intelectual* deve ser sempre e sempre reproposta, *senza fine*. Sem o que não há avanço. Tema decisivo, num momento em que a universidade brasileira – que vai muito mal – deve ser repensada

de alto a baixo, reavaliada e atualizada. Muitas congregações e departamentos deveriam ser rachados ao meio ou até eliminados, como por vezes acontece em universidades de países mais adiantados. Perguntávamo-nos ultimamente: será que o *departamento* é de fato a unidade básica e intocável da organização universitária brasileira? Será verdade, como dizia Anísio Teixeira – outra grande referência na vida de Florestan – que a universidade no Brasil não passa de um aglomerado de congregações que só se reúnem para discutir o orçamento? Essas dúvidas provinham de um cientista social que, diversamente de outros cientistas sociais narcísicos, era exímio crítico de si próprio e das instituições das quais participava, fosse a cadeira de Sociologia, da qual se tornaria catedrático em 1964, fosse a sua querida Faculdade de Filosofia ou seu Partido dos Trabalhadores. Também com amigos fazia a *autocrítica deles...*

Florestan tornava-se assim algo incômodo e *áspero* para alguns, sobretudo para os inseguros ou oportunistas. Mas respeitava adversários, fossem universitários ou não. Numa conversa sobre a vida parlamentar no Brasil em 1994, lastimava a falta de atenção que a Câmara dispensava ao deputado Roberto Campos, “nosso inimigo”, com seus discursos bem-preparados, eruditos e agudos. Embora discordasse radicalmente, Florestan comentava a falta de percepção, e mesmo decoro, de muitos companheiros parlamentares. Imagino que o mesmo deve ter ocorrido com ele não poucas vezes, em sua atuação como deputado, quando teve papel decisivo nas questões ligadas a ciência, tecnologia, educação e saúde, para mencionarmos campos específicos.

Muito já se escreveu sobre o Florestan professor e sobre o pesquisador, mas ainda falta uma boa tese, certamente alentada, sobre o Florestan político, o grande admirador de Lula, o intelectual tão respeitado por seus companheiros do PT e também de outras agremiações, como Roberto Freire, por seus colegas combatentes por uma universidade crítica no Brasil, por ter reabilitado o papel do intelectual em nossa vida cultural e política. E mesmo o Florestan político admirado por políticos como o velho Ulysses Guimarães ou o seu amigo e ex-aluno da antiga Faculdade de Filosofia, o ex-senador Severo Gomes. Severo que muito atuou neste IEA e compartilhou com Florestan, aqui e no Parlamento, algumas teses – não todas – sobre o futuro da Nação.

O senso da História na obra e na ação de Florestan vinha de baixo. Jamais esquecerei o encontro simples mas solene de Florestan com Soboul, o grande historiador da Revolução Francesa autor do *Les sans-culottes parisiens à l'an II*. Numa visita ritual em 1970 ao cassado, Soboul, o professor da Sorbonne, também de origem modesta e filho da Escola Pública, discípulo do socialista Georges Lefebvre e de Mathiez, impressionara-se com a solidez do conhecimento historiográfico do sociólogo paulistano. Sobretudo sobre sua erudição no tocante aos jacobinos, *montagnards* e *sans-culottes* da Revolução Francesa. Ou da

segunda Revolução, a de 1793, a verdadeira, segundo eles (e nós). Tal erudição não era para mim novidade, pois presenciara a arguição de exame de qualificação por que passara meu professor e amigo Fernando A. Novais, que escolheu precisamente o rigoroso professor Florestan como arguidor de disciplina complementar para seu doutorado. Um dos debates mais avançados e duros que presenciei, em que o patamar mínimo de discussão eram as obras de Marx, Weber, Pirenne, Maurice Dobb e Eli Heckscher. Nascia o livro clássico de Fernando, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*...

Tal senso de História e da importância dos estudos históricos é que levou seus assistentes Cardoso, Ianni, o saudoso Luiz Pereira, Maria Sylvia, Beisigel e tantos outros a procurar temas fundamentais de nosso passado. Creio que eles participaram de um novo *redescobrimento* do Brasil, da mesma importância que fora o da geração de Freyre, Buarque, Caio e, nos anos 50, de Candido, Faoro, Furtado. A preocupação com as historicidades e com a especificidade de nossa formação econômico-social atravessa todos eles, que produziram estudos e ensaios notáveis. O senso histórico de Florestan levou-o a estudar e a compreender não apenas a história dos negros no Brasil e a demolir o mito freyreano da democracia racial, mas a desvendar os mecanismos de montagem da sociedade de classes aqui e, depois, na América Latina. A história dos excluídos não foi para ele apenas um clichê de combate, mas o resultado de sofisticada pesquisa. Procurando compreender os negros e sua exclusão, descobriu – literalmente – a sociedade de classes. E outros tipos de formações societárias, de cunho *estamental* e de *castas*, tão essenciais para o estudo de sociedades como as nossas, de asfixiante passado colonial e escravista. Eu diria que sua obra desvenda os mecanismos mais complexos, duradouros, que hoje a chamada História das Mentalidades procura estudar. E como não dizer que as discussões sobre as *idéias fora do lugar*, na proposta brilhante de Roberto Schwarz, não têm sua origem no livro fundamental de Florestan, *Subdesenvolvimento e sociedade de classes* ?

Não se trata nesta breve memória de estudo histórico-bibliográfico, mas impõe-se constatar que os estudos históricos ganharam nova dimensão com várias obras de Florestan, desde seu estudo sobre *A função social da guerra entre os Tupinambá* até *Integração do negro na sociedade de classes* e *Círculo fechado*. Em *Poder e contrapoder na América Latina* Florestan nos advertia para o perigo de uma contra-revolução mundial, indicando em 1981 que uma nova Direita, mais sofisticada, se articulava em escala internacional, Direita que nada tinha a ver, na aparência, com os antigos fascismos. Propondo uma rotação de perspectivas, ele estimulava as esquerdas a se repensarem naquele momento de reorganização mundial. Da atualidade daquela advertência torna-se inútil dizer. Mais diretamente sobre nosso país neste fim de século, as conclusões de *A revolução burguesa no Brasil* permanecem iluminando a História presente do Brasil e nos colocando em situação de desafio, o que era bem típico de seu autor. Situação desafiadora

tanto mais difícil quando alguns de seus ex-alunos estão no poder, prestando justa homenagem à memória do mestre, embora correndo o risco de se enredarem na metodologia da Conciliação política e cultural, velha de mais de um século em nosso país.

Que sua memória seja uma presença e uma companhia. Por certo vamos necessitar dela na longa travessia que nos aguarda, pois o que estamos assistindo é a emergência de uma *nova sociedade civil*, com novos parâmetros sócio-culturais e ideológicos. A transição, diversamente do que pensa Alain Touraine, mal começou. Afinal, como dizia o professor Florestan, “naturalmente, existe um antes e um depois. O que se impõe agora examinar com profundidade possível, é o *durante*” (*A revolução burguesa no Brasil*, 1974).

Carlos Guilherme Mota, historiador, é professor honorário do Instituto de Estudos Avançados da USP e autor, entre outros livros, de *Ideologia da cultura brasileira* (Ática).

Palestra feita pelo autor no Ato *Presença de Florestan Fernandes*, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados na Sala do Conselho Universitário da USP em 5 de outubro de 1995.